



O que Menno Simons diria da nossa prática missionária?

Valdemar Kroker

Faculdade Luterana de Teologia

Junho de 1997

O QUE MENNO SIMONS DIRIA DA NOSSA PRÁTICA MISSIONÁRIA?

Valdemar Kroker*

O CONTEXTO HISTÓRICO

Afinal, quem é Menno Simons? A Reforma conheceu muitos reformadores de grande influência sobre a cristandade do século XVI. Uma ala talvez não tão conhecida da Reforma foi o movimento anabatista, marcada pelo radicalismo nos aspectos em que considerou as mudanças dos grandes reformadores insuficientes. Os primeiros anabatistas surgiram na Suíça, Zurique, durante a reforma iniciada por Zúínglio. Entre os seus pontos principais estavam a ênfase em uma igreja livre, ou seja, desvinculada de qualquer governo e também a convicção de que o batismo deveria, além de ser por imersão, seguir a fé.¹

Menno Simons, nascido em Witmarsum (Frísia, Holanda) em 1495, foi ordenado sacerdote da Igreja Católica em 1524, servindo por doze anos em duas paróquias. Ele foi influenciado decisivamente pelos acontecimentos da Reforma naquela região da Europa, como não poderia ser diferente. Três fatos que o marcaram profundamente precederam a sua decisão de abandonar a Igreja Católica. O primeiro foi a dúvida, durante a celebração da ceia, sobre a doutrina católica da transubstanciação. Passou a ler o Novo Testamento e se convenceu do erro do ensino da Igreja. O segundo foi a morte, em 20 de março de 1531, de um conterrâneo seu. Sicke Snijder foi decapitado nessa data por ter se submetido ao segundo batismo (anabatismo). Depois de analisar e não se satisfazer com os escritos de Lutero, Bullinger, Bucer e outros sobre o assunto, recorreu mais uma vez ao Novo Testamento. A sua conclusão foi que também nesse sacramento a Igreja não seguia o ensino bíblico. O terceiro fato foi a “morte de seu irmão em 7 de abril de 1535, ao participar de um motim contra o governo”.² A conclusão de Menno foi que se alguém estava disposto a morrer pôr suas convicções mesmo não baseadas no evangelho, ele deveria muito mais estar disposto a pagar o preço pela sua decisão. Em 30 de janeiro de 1536 Menno Simons entregou

* Valdemar Kroker é pastor da Igreja Evangélica Irmãos Menonitas de Curitiba, professor no ISBIM (Instituto e Seminário Bíblico Irmãos Menonitas) e membro da Comissão de Tradução da Nova Versão Internacional da Bíblia. Esse artigo foi originalmente apresentado pelo autor no Simpósio sobre Menno Simons realizado em Assunção, Paraguai, em fevereiro de 1996.

¹ Juan F. Martinez, *História e Teologia da Reforma Anabatista* (Cristã Unida: Campinas, 1997) 73.

² *Op. cit.*, 124.

publicamente o seu cargo e a sua paróquia e foi depois batizado por Obbe Philips, um dos líderes da ala pacifista dos anabatistas naquela região.

Hoje há “seguidores” de Menno Simons em muitos países em todos os continentes. Em virtude do esfriamento espiritual da maioria dos membros das igrejas menonitas nas colônias da Rússia em meados do século XIX, houve um reavivamento, iniciado oficialmente em janeiro de 1860 que levou à fundação da Igreja Irmãos Menonitas. As duas denominações estão presentes em vários estados brasileiros principalmente do sul do país, aonde chegaram fugidos do comunismo em 1930.

O centro das atividades dos irmãos menonitas no Brasil está em Curitiba, onde está localizado o escritório da COBIM (Convenção Brasileira das Igrejas Evangélicas Irmãos Menonitas) e o ISBIM (Instituto e Seminário Bíblico Irmãos Menonitas).

Depois desta breve contextualização, quero iniciar a análise sobre a questão proposta no título deste artigo. Se o artigo vai tentar tratar deste assunto em relação às “nossas igrejas”, isso quer dizer principalmente as Igrejas Irmãos Menonitas e Menonitas de mais longa tradição no contexto da América do Sul e também na Europa e na América do Norte.

De bate-pronto talvez Menno Simons não teria muito a dizer sobre a pergunta lançada no título. Com certeza ele estaria mais interessado em ouvir, pois teria muita dificuldade para entender o nosso mundo. Certamente lhe faltaria a moldura para que pudesse interpretar o quadro do mundo atual como um todo.

OS CONTRASTES DA ÉPOCA DE MENNO SIMONS

Para a análise de uma possível avaliação da nossa experiência missionária por parte de Menno Simons, precisamos fazer algumas observações que servirão de base para a compreensão do assunto desenvolvido em seguida. São observações que tentam estabelecer pontos de contato entre os dois mundos separados por cinco séculos, não chegando a ser uma comparação.

É difícil tentar imaginar o que poderia ajudar um reformador anabatista, Menno Simons, a entender a nossa situação. É possível que as observações introdutórias a seguir sirvam mais para tentar explicar por que Menno não nos entenderia, e que, portanto, teria pouco a nos dizer, ou talvez seria muito duro conosco.

Se compararmos os dois mundos acima mencionados, perceberemos alguns contrastes resumidos a seguir:

Radicalismo versus Tolerância e Relativismo

O mundo de Menno Simons do século XVI era caracterizado por linhas divisórias claras. As posições e convicções teológicas, doutrinárias e de prática da fé eram mais polarizadas. O "caminho do meio" praticamente não existia. Já hoje, no nosso mundo, dificilmente encontramos absolutos. Tolerância e adaptação ("conformar-se") são a regra, para "não servir de tropeço aos outros".

Arrependimento e Mudança Radical versus Terapia

No tempo de Menno a ordem era arrepender-se e passar por uma mudança de vida radical para seguir a Jesus. Mesmo que hoje ainda se pregue o arrependimento e a confissão de pecados, na maioria das igrejas são cada vez mais raros os testemunhos de batismo relatando transformações de vida dramáticas. O aconselhamento psicológico — por melhor que seja o trabalho de muitos terapeutas cristãos — tem se tornado, em muitos casos, o substituto do verdadeiro arrependimento.

Conversão e Batismo: Clareza versus Quadro Embaçado

Todo o contexto de vida na época dos anabatistas contribuía para a realidade de que a conversão seguida de batismo não muito tempo depois era a condição para o início da vida cristã. Hoje estamos tolerando nas igrejas um quadro embaçado, que compromete inclusive a nossa posição teológica em relação à salvação. É verdade que pregamos Marcos 16:16, texto que nos afirma que "quem crer e for batizado será salvo", mas na prática já declaramos salvo todo aquele que afirma crer, mesmo que não tenha assumido um compromisso público e definitivo com Jesus e com a sua igreja.

Espera Ansiosa pela Volta de Cristo versus Materialismo

Littell diz: "Os anabatistas se consideravam os precursores de uma época futura em que o Senhor iria estabelecer o seu povo e a sua justiça sobre a terra".³ Será que ainda encontramos esta espera ardente pelo Reino nas nossas igrejas? Falta-nos, certamente, a tensão escatológica, que entre os anabatistas era a mola propulsora de missões.

Ao fazermos a pergunta, o que Menno Simons diria sobre a nossa prática missionária atual, existe, naturalmente, o perigo de inverter-se a pergunta para que ela soe da seguinte maneira: O que eu gostaria de ouvir Menno Simons dizer sobre a nossa prática missionária. Vamos tentar evitar esse perigo ao

³Franklin H. Littell, *Das Selbstverständnis der Täufer* (O que os Anabatistas pensavam de si mesmos), (Kassel: J. G. Oncken Verlag, 1996) 159.

descrevermos, brevemente, os aspectos essenciais da estratégia missionária dos anabatistas do século XVI.

A ESTRATÉGIA MISSIONÁRIA NA ÉPOCA DE MENNO SIMONS

Os anabatistas

Muito se escreveu sobre este tema na história da Igreja. Poderíamos citar Hans Kasdorf, G. W. Peters, Franklin H. Littell, Guy Hershberger e ainda outros. Na minha avaliação, Victor Wall, professor e pastor da Igreja Irmãos Menonitas em Assunção, conseguiu fazer um excelente resumo desse tema no seu trabalho “Das missionarische Verständnis der Täufer” (A visão missionária dos anabatistas). O último parágrafo nos mostra a argumentação de Wall quando diz:

A visão missionária dos anabatistas consiste de três elementos principais: Ordem, obediência e igreja. A ordem está fundamentada nas Escrituras e é, portanto, a comissão para missões obrigatória para todos os crentes. Por meio da obediência radical dos anabatistas, esse chamado se transforma em uma atividade missionária dinâmica e vigorosa, que acontece, no entanto, principalmente no contexto da igreja. A igreja se realiza e se concretiza cada vez mais por meio da missão e a missão se torna real por meio da fundação e da edificação da igreja.⁴

Nos parágrafos abaixo serão sublinhadas algumas idéias do trabalho citado acima, principalmente concernente ao primeiro elemento. Wall salienta que “a atividade missionária dos anabatistas não era a missão aos pagãos no sentido moderno.” Era simplesmente um movimento “que começava em casa (em ‘Jerusalém’) e se estendia sempre mais.” A motivação para isso era a Grande Comissão de Mateus 28:19-20, que era o seu ponto de partida.⁵

Além de Mateus 28 e de Marcos 16, que formulam claramente a ordem missionária de Jesus, Salmos 24:1 era a palavra que lhes conferia autoridade para pregar o evangelho em toda a face da terra.⁶ Para eles o que valia era: “Ao Senhor pertence a terra e tudo o que nela se contém, o mundo e os que nele habitam” (ARA). Por isso, não temiam fronteiras, poderes ou principados. Nada os detinha.

⁴Victor Wall, *Das Missionarische Verständnis der Täufer* (A visão missionária dos Anabatistas). Manuscrito não publicado, (Mennonite Brethren Biblical Seminary, Fresno, Califórnia, 1980).

⁵*Op. cit.*, 2.

⁶Littell, 159.

Percebemos que havia uma distinção clara entre o conceito missionário dos reformadores em geral e dos anabatistas. Enquanto para os reformadores a ordem missionária do NT já tinha sido cumprida pela Igreja primitiva,⁷ os anabatistas reconheciam a necessidade da proclamação do evangelho em seu tempo. Além disso, criam também "que todas as pessoas que não pertenciam a uma igreja dos anabatistas, mas a uma das errantes 'igrejas grandes', deveriam ser consideradas pagãs" (Schäufele citado em Wall).⁸

Isso significava, portanto, que eles se encontravam em meio a um enorme campo missionário. Mas para alcançar esse campo e evangelizar as pessoas que nele viviam, não foram fundadas, em primeiro lugar, agências missionárias. O que aconteceu de fato foi que todos os crentes sabiam que eram chamados para cumprir a Grande Comissão. Littell expressa isso da seguinte maneira: "Os anabatistas estavam entre os primeiros que tornaram o cumprimento da Grande Comissão obrigatória para todos os membros da Igreja cristã".⁹ Isso significava na prática que "cada membro da igreja era um pregador e missionário em potencial".¹⁰ Visto que "a fé vem pela pregação" (Rm 10:17), para eles estava claro que a Igreja cresceria e se expandiria o mais rapidamente possível se todos os membros se envolvessem na tarefa da proclamação.

Este elemento está no cerne do radicalismo do movimento anabatista. Infelizmente na reflexão sobre esses princípios e na aplicação que muitos pastores e líderes da igreja atual tentam fazer, esse aspecto não é levado em consideração.

Um outro aspecto que também contribuiu fortemente para o vigor missionário dos anabatistas, foi a sua compreensão do papel da Igreja em função da segunda vinda de Cristo. Como já foi mencionado acima, eles ansiavam pela restauração da Igreja no final dos tempos, e se consideravam os pioneiros desse tempo futuro. Por isso "esse fator escatológico da sua compreensão da Igreja se tornou a grande força propulsora da propagação do evangelho nos primeiros e tão perigosos anos".¹¹

Mais um aspecto a ser destacado são as considerações de Hans Kasdorf¹² sobre aspectos práticos do trabalho missionário anabatista. Segundo ele, a convicção dos anabatistas — aliada à sua obediência incondicional — os levava também 1) a objetivos claramente definidos, 2) a decisões sábias concernentes a local e hora da proclamação e 3) também aos métodos corretos de proclamação.

⁷J. D. Graber, *Das Taufertum in Mission und Diakonie* (O Anabatismo na sua missão e diaconia), in Guy F. Hershberger, *Das Taufertum, Erbe und Verpflichtung* (O Anabatismo, herança e obrigação), (Stuttgart: Evangelisches Verlagswerk, 1963) 151.

⁸Wall, 6.

⁹Littell, 165.

¹⁰Wall, 7.

¹¹Graber, 150.

¹²Wall, 9-10.

Menno Simons

A profunda convicção entre os anabatistas de que a Grande Comissão era uma ordem válida para todos os tempos e para todos os membros do Corpo de Cristo, levou-os a um amor e dedicação ao Senhor da Comissão quase incomparável na história do cristianismo. E se queremos ser impactados pela compreensão que Menno Simons tinha desse aspecto, vejamos o que ele mesmo nos diz:

Em segundo lugar, desejamos com corações ardentes até o sacrifício do sangue e da vida, que o Santo Evangelho de Jesus Cristo e de seus apóstolos seja ensinado e pregado em todo o mundo... . Essa é a única alegria da minha vida e o desejo do meu coração, expandir o Reino de Deus... Por isso pregamos tanto quanto podemos, dia e noite, nas casas e nos campos, nos bosques e nas regiões ermas, aqui e ali, em casa e longe de casa, nas prisões e nas masmorras, na água e no fogo, na força ou sob outra tortura, diante de príncipes e poderosos, com a boca e com a pena, com as posses e com o sangue, com a vida e com a morte. Temos feito isso por muitos anos e não nos envergonhamos do evangelho da glória de Cristo.¹³

Por meio dessas palavras percebemos que Menno Simons destacou-se entre os anabatistas como um dos seus mais dedicados defensores e praticantes dos princípios missionários acima descritos. Mais um elemento sobre o seu zelo missionário que precisa ser destacado está relacionado com um pensamento de Tracey K. Jones, missionário à China e Cingapura. Ele cita no artigo "History's Lessons for Tomorrow's Mission" (Lições da História para a Missão de Amanhã) as quatro características que Kenneth Scott Latourette descobriu em cada período da história da Igreja em que houve crescimento da Igreja acima do normal. Quero destacar somente uma dessas características. Ele diz que cada período da Igreja que se tornou um capítulo especial da história, foi marcado por líderes em cuja vida dedicação pessoal e fidelidade ao Senhor Jesus estavam no centro. "They believed in the Bible and loved the church, but the central focus of their lives was Jesus".¹⁴ (Eles criam na Bíblia e amavam a Igreja, mas o foco central de suas vidas era Jesus).

Essa afirmação anda lado a lado com o amor especial que Menno Simons tinha por 1 Coríntios 3:11: "Porque ninguém pode lançar outro fundamento, além do que foi posto, o qual é Jesus Cristo."

¹³Graber, 154-155, extraído de *Die vollständigen Werke des Menno Simons, übersetzt aus der Originalsprache, dem Holländischen* (Obras completas de Menno Simons, traduzido da língua original, o holandês). Zweiter Pfad-Weg, 1971.

¹⁴Tracey K. Jones Jr., *History's Lesson for Tomorrow's Mission* (A Lição da História para a Missão de Amanhã), in *International Bulletin of Missionary Research*, Abril de 1986, 50.

A NOSSA ESTRATÉGIA MISSIONÁRIA HOJE

Os parágrafos a seguir são tão somente algumas observações sobre acertos e também deficiências que considero dignas de nota neste contexto. É evidente que é difícil dar um veredicto sobre a prática missionária das Igrejas Irmãos Menonitas como um todo, visto que há formas tão diferentes sendo usadas em tantos lugares distintos. Mas creio que as observações abaixo valem para um conjunto de igrejas relativamente grande na denominação, tanto na América do Sul quanto em outros continentes.

As considerações a seguir surgem da análise de alguns textos bíblicos e da verificação da sua aplicação nas nossas igrejas.

Mateus 28:18-20

Em primeiro lugar, ao longo da nossa história temos sempre reconhecido a necessidade de nos engajarmos na Grande Comissão. Evidentemente essa participação tem sido mais ativa e vibrante em alguns períodos da história do que em outros. Há muitas igrejas da denominação na atualidade que se envolvem com muito entusiasmo e dedicação no cumprimento da ordem de Jesus. Menno Simons com certeza ficaria admirado com as centenas de missionários que foram enviados a todos os continentes, principalmente pelas igrejas da América do Norte, e com o tamanho das igrejas, já maior em alguns países como a Índia e o Zaire do que nos países de origem dos missionários.

Atos 1:8

Temo, no entanto, que se analisarmos a ordem de Atos 1:8, tenhamos deixado lacunas na prática missionária ao longo da nossa história. "Mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém, como em toda a Judéia e Samaria, e até aos confins da terra."

Infelizmente se desenvolveu na nossa história a estratégia de evangelizarmos — além dos nossos filhos — principalmente pessoas em um contexto social ou geográfico distante das nossas bases. A forma de se fazer isso é levantar os fundos e enviar membros e obreiros especialmente treinados para esse fim. Tentamos alcançar as pessoas que estão geográfica ou socialmente próximas de nós quase que exclusivamente por meio de campanhas evangelísticas. Sempre se pensou que a tarefa de alcançar essas pessoas era do pastor.

Se, portanto, a ordem missionária em Atos também faz parte do nosso ponto de partida, e se queremos imitar o exemplo dos primeiros cristãos e dos nossos antepassados anabatistas, constatamos que a falta da participação de todos os fiéis na proclamação do evangelho é uma grande lacuna no nosso modelo de evangelização. Em outras palavras, vivemos de acordo com a convicção de que a

tarefa missionária é responsabilidade de alguns obreiros especialmente treinados para isso: pastores, líderes da igreja local e missionários entre povos ou populações não-alcancados. Pessoalmente creio que esta é a maior deficiência do nosso modelo missionário.

Lucas 14:26

Um dos aspectos centrais da teologia e da prática de missões dos anabatistas era a sua disposição para o sacrifício. Isso não incluía somente as suas posses, mas principalmente as suas vidas. Já antes de sua conversão, Menno Simons descobriu o tipo de perseguição que o esperava, quando viu Sicke Snijder ser decapitado por causa do seu batismo.¹⁵ Muitos anabatistas, principalmente os líderes, foram martirizados. A morte deles, no entanto, fortalecia ainda mais a fé anabatista. Tanto é que foi cunhada na época a expressão “Se um anabatista é morto, levantam-se cem outros em seu lugar”.¹⁶

É verdade que há nas nossas igrejas pelo mundo inteiro irmãos ricos que muito deram para missões. É verdade também que muitas viúvas sacrificaram quase tudo que tinham pelo Reino de Deus. Mas ao observamos a vida dos primeiros cristãos e também dos anabatistas e a sua disposição de abdicarem de tudo ao ponto de serem repudiados em todos os lugares, de serem deserdados na terra criada pelo Deus que adoravam (lembrando Salmos 24:1), somos desafiados a refletir sobre a seguinte questão: Por que nós hoje, em vez ofertarmos e sacrificarmos mais para o Reino, em vez de sintonizarmos a administração das nossas posses e vidas com os objetivos de Deus para este mundo, temos nos tornado mornos e estamos mais preocupados em juntar posses para nós e os nossos filhos e em “salvar” as nossas vidas? (Mc 8:35).

O QUE MENNO SIMONS DIRIA DE TUDO ISSO?

Menno Simons, com certeza, estaria muito orgulhoso do que acharia em *The Anabaptist Vision*, de Harold Bender: “A importância histórica dos anabatistas não se esgota na sua capacidade de sofrer adversidades, na fidelidade no trabalho, no zelo pela cultura. Não, os menonitas podem, sem exagero, reivindicar uma posição na história da humanidade como pioneiros do conceito moderno de liberdade de religião e de consciência”.¹⁷

¹⁵George Huntston Williams, *The Radical Reformation* (Filadélfia: The Westminster Press, 1962), 387.

¹⁶Wall, 16, citando Wiswedel.

¹⁷Harold Bender, *The Anabaptist Vision* (Ontario: Herald Press, 1944, Scottdale/ Kitchener), 37 (notas).

É muito provável também que Menno ficasse perplexo diante de algumas posições que adotamos no mundo todo e também na América Latina, como por exemplo a nossa atitude em relação à Igreja Católica. As linhas divisórias já não estão claras em muitos sentidos, mesmo sabendo que Roma — apesar de tolerar em público a Igreja evangélica — está fazendo planos concretos para resgatar novamente as suas ovelhas "perdidas".

Vamos tentar ouvir também o que Menno e os anabatistas gostariam de nos dizer sobre a nossa prática missionária.

Precisamos de um reavivamento

J. Edwin Orr, conhecido autor sobre reavivamentos, dá a seguinte definição: "Reavivamento é um movimento do Espírito Santo na Igreja de Jesus trazendo um renascimento do Cristianismo do Novo Testamento".¹⁸

Nós precisamos de um reavivamento como nos tempos anabatistas. Muitos autores concordam no aspecto, de que a melhor comparação com o que aconteceu na Igreja do Novo Testamento é o movimento anabatista do século XVI.

Se Menno e os anabatistas experimentaram esse tipo de renascimento, certamente diriam que estamos novamente precisando de experiências assim, pois Deus é o mesmo em todas as épocas e quer nos conduzir para a vivência dinâmica do evangelho neotestamentário.

Precisamos de uma nova compreensão de igreja

Os anabatistas se consideravam "raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus" (1 Pe 2.9). Eles sabiam que tinham um relacionamento especial com o Deus do universo, Criador dos céus e da Terra. Não havia nisso orgulho — tão comum hoje na teologia da prosperidade. Mas, o que era mais importante, todos os crentes se consideravam, de fato, sacerdotes de Deus. Essa posição especial tinha um propósito bem específico: proclamar "as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz". Todos se consideravam ministros não só para levar a palavra da salvação aos perdidos, mas também no relacionamento uns com os outros dentro da Igreja.

Com base na sua experiência e nas convicções acerca desta verdade, Menno com certeza diria que temos muito a caminhar para que as nossas igrejas alcancem o padrão desejado por Deus na prática missionária.

¹⁸Jack Valkel, *Student Evangelism in a World of Revolution*, (Grand Rapids: Zondervan, 1974), 223.

Precisamos de uma nova compreensão de missão

Como já foi citado anteriormente, os anabatistas estavam entre os primeiros cristãos (após a Reforma) que tornaram a Grande Comissão uma obrigação para todo crente.¹⁹ Ramseyer expressa esse aspecto da seguinte forma: “a igreja com visão anabatista se distingue pela participação ativa e de tempo integral de todos os seus membros”.²⁰

Ressaltamos mais uma vez o que Wall diz, que, para os anabatistas, a prática da missão simplesmente começava em casa e se alastrava nas regiões às quais os seus membros chegavam.

Essa compreensão — e especialmente a prática — de que todos os membros se engajem na tarefa missionária começando em casa e indo até os confins da terra, precisa se tornar novamente a base da vida das nossas igrejas. Se queremos ter a mente dos cristãos do NT e dos anabatistas, precisamos preparar e treinar todos os membros das nossas igrejas para que se envolvam na evangelização.

Na história não tão remota dos Irmãos Menonitas, mais precisamente no seu surgimento após 1860 na Rússia, houve uma experiência semelhante. Hans Kasdorf, na sua descrição sobre os primeiros esforços evangelísticos desse grupo, diz o seguinte: “O lema de Oncken ‘cada batista um missionário’ foi reformulado para ‘cada Irmão Menonita uma testemunha de Jesus’”.²¹ Isso significa que cada membro, inclusive pastores e líderes, precisam começar com os seus vizinhos e amigos.

É deplorável que tomou conta da maioria dos membros de um grande número de igrejas a visão de que em lugares distantes precisamos realizar a tarefa missionária por meio de pessoas enviadas, e que na nossa redondeza a conduta e a vida santificada vão automaticamente chamar a atenção das pessoas para Jesus. É evidente que a conduta e a vida são o fundamento de qualquer trabalho evangelístico. Cada palavra que não é apoiada na vida do que anuncia, cai no vazio. Mas o Senhor nos ordenou que também fôssemos testemunhas em Jerusalém. É impossível pensar no conceito de testemunha de Jesus, sem que isso se expresse em declarações e afirmações da fé diante dos que não crêm.

Falar — proclamar a experiência — faz parte do ser cristão, pois “qualquer um que, nesta geração adúltera e pecadora, se envergonhar de mim e das minhas palavras, também o Filho do homem se envergonhará dele, quando vier na glória de seu Pai com os santos anjos” (Mc 8:38).

¹⁹Littell, 165.

²⁰Robert L. Ramsayer, *The Anabaptist Vision and Our World Mission (I)*, (Mission Focus, Março de 1976), 1-6.

²¹Hans Kasdorf, *Flamen Unauslöschlich*, (Chamas que não podem ser apagadas), (Bielefeld: Logos, 1991), 77.

*Precisamos de uma nova compreensão
de reconhecimento e confissão de pecado*

Não há reavivamento, não há novo começo, não há conversão e nem arrependimento sem quebrantamento sob o poder do Espírito Santo. Entre os anabatistas havia temor a Deus e medo de desagradá-lo, ou seja, medo de pecar. A seriedade com que tratavam a disciplina mostra isso claramente.

Onde estão entre nós aqueles que choram pelos seus pecados e pelos pecados dos outros? Onde estão os de "coração compungido e contrito" que Deus não desprezará? (Sl 51:17).

*Precisamos de uma nova atitude
de espera ansiosa pela volta de Cristo*

Em todas as épocas da história da Igreja em que o povo de Deus esperava ansiosamente pela volta de Jesus, a Igreja crescia mais rapidamente tanto em quantidade como em maturidade. Dois parágrafos de Graber no seu artigo "Das Täuferturn in Mission und Diakonie" (O anabatismo em missão e diaconia), tentam sintetizar que influência a espera ansiosa pelo Senhor Jesus tem sobre a tarefa missionária:

O sistema nervoso do zelo missionário é destruído, quando paramos de crer em um mundo vindouro, quando perdemos o sentido do nosso chamado, o sentido do fato de que fomos inseridos diretamente na história que Deus está escrevendo, história esta direcionada para o ápice com a volta de Cristo...

Ter consciência do fato de que estavam no meio de uma corrente que iria culminar com o apogeu da expressão do poder de Deus era o que produzia e incendiava a fé e a convicção dos mensageiros entusiasmados e dos mártires.²²

Os anabatistas se consideravam a noiva de Cristo sendo ataviada para o seu noivo. Por isso viviam em alegre expectativa pela volta de Cristo e tentavam ganhar o máximo de pessoas para este noivo.²³

Precisamos de uma nova compreensão do anabatismo radical

Os anabatistas eram radicais em muitos aspectos e podemos tentar resumir esse radicalismo da seguinte forma: os anabatistas eram radicais na sua obediência à Palavra de Deus e, em virtude disso, no cumprimento da Grande

²²Graber, 150.

²³Wall, 19.

Comissão, independentemente de local e tempo ou de preço e conseqüências da sua atividade missionária.

Infelizmente a nossa prática missionária sofreu delimitações que nem os anabatistas muito menos o Novo Testamento conheciam. Se compararmos o nosso “etnocentrismo” com a disposição dos anabatistas de sacrificar a sua vida por Jesus, temos de nos envergonhar, pois já perdemos tanto tempo. Mesmo com uma análise superficial do anabatismo e da teologia e prática de missões de Menno Simons, precisamos admitir que de forma alguma o “etnocentrismo” menonita presente em muitas igrejas da atualidade estava preprogramado na teologia de Menno Simons. Em relação a isso, a pergunta que precisa ser feita é, será que ainda temos algo que ver com Menno?

Precisamos de uma nova compreensão do anabatismo radical, que certamente nos levará ao arrependimento e confissão de pecados em relação às falhas na nossa teologia e prática de missões. Se isso não acontecer, seria melhor mudarmos o nosso nome.

Que Deus nos dê a sua graça para sermos obedientes à sua Palavra e à Grande Comissão.